

School as the Stage of Exclusion: Lgbtphobia and School Violence

Uenderson Wesley Rodrigues Ribeiro

Received: 13 September 2021 Accepted: 2 October 2021 Published: 15 October 2021

Abstract

This research discusses LGBTphobia, school violence and the consequences of this violence on access and permanence to education for this population. The school is the locus of subject production, being one of the main spaces for subjectivation and self-expression and its social dialogue. This study can be circumscribed in a literature review research, having as method a systematic review research. Ten scientific articles found on the SCIELO and PEPISIC platform were analyzed. The results indicate specific forms of violence in the regulation of gender and sexuality dissidences, being structurally incited and produced in public spaces, having as a guideline a sexuality and a gender to be followed, in a special regime, called heteronormativity. The materiality of these types of violence takes place through psychological, physical, structural and sexual violence. Thus, the need for these productions that question heteronormativity in the school environment is evident, considering the socio-historical exclusion of the LGBT community and its non-insertion in school spaces, as well as the production and implementation of public policies to minimize the effects of these violences.

Index terms— heteronormativity. school violence. lgbtphobia.

1 I.

INTRODUÇÃO urante séculos, a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (LGBT) sofreu uma série de violências impostas e estruturais que foram ganhando força e internalização no corpo social, como forma de manter uma relação hierárquica, heterocentrada e desigual. São diversas as violências, como: física, psicológica, simbólica e estrutural, em diversos contextos, incluindo a escola.

Educar e punir sempre estiveram ligadas no processo de escolarização do corpo social, nesse processo, a escola como instituição estava ligada a fenômenos de controle da burguesia, ou seja, uma função ideológica capaz de fomentar valores e normas de classes dominantes.

Nessa organização estrutural está fundamentada a heteronorma ou heteronormatividade como sistema ideológico estruturante e formador. Essa estrutura ideológica, através da pedagogia da sexualidade, forma corpos e saberes sobre masculinidades e feminilidades, efeitos dos discursos disciplinares que corroboram com a discriminação da população LGBT no espaço escolar.

Os discursos que constroem, fomenta e naturalizam violências LGBTfóbicas podem ser encontradas no processo de escolarização, em diversos rituais simbólicos e de silenciamento, baseado nos discursos dominantes sobre sexualidades e expressões de gêneros, pressuposto da moralidade cristalizada da cultura judaico-cristã, bem como enunciados científicos que corroboraram com representações sociais oriundas dos processos de violência epistêmica e de práticas condenatórias.

Essa pesquisa se caracteriza por ser uma revisão sistemática da literatura no que tange a produção da violência escolar contra a população LGBT, tendo como referencial teórico a Teoria Queer. Assim, os objetivos específicos são analisar a literatura científica em suas produções sobre a LGBTfobia nos contextos escolares, realizar uma análise descritiva das práticas de violência escolar semelhantes e suas singularidades, além de elencar as violências encontradas nessas instituições.

45 De acordo com uma pesquisa nacional, realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais,
46 Travestis e Transexuais (ABGLT) e publicada em 2016, o Brasil enfrenta um grave problema no sistema escolar
47 no que tange a essa população. Os dados revelaram que em 2015, 73% dos jovens entre 13 e 21 anos foram
48 agredidos verbalmente na escola. Dentro da mesma amostra, 24,6% já sofreram agressões físicas tendo em vista
49 sua expressão de gênero e sexualidade. Dentro desse cenário, 60% dos participantes da pesquisa dizem se sentir
50 inseguro na escola em função da sua orientação sexual. É necessário produzir e repensar práticas de ensino para
51 que o efeito dessa violência seja minimizado. 1 II.

2 Desenvolvimento

53 Esse artigo está circunscrito em artigo de revisão bibliográfica, tendo como características a sua potência
54 qualitativa, a análise crítica, a discussão e resgate de trabalhos científicos já realizados. Foi realizada uma revisão
55 sistemática de literatura, em que foram recolhidos 10 artigos científicos, passando por uma análise descritiva e
56 criando categorias de análise, tendo como referência trabalhos que discutam sobre violência escolar e LGBTfobia.

57 Portanto se faz necessário mais pesquisas que versem sobre a estruturação e naturalização das violências contra
58 pessoas LGBT's em diferentes contextos escolares, produzindo, resgatando e potencializando a inclusão dessas
59 pessoas em diferentes espaços sociais tendo em vista a exclusão sócio-histórica e epistemológica dessa população.

60 A LGBTfobia se caracteriza pela aversão, medo, repulsa ou nojo a partir do ódio implícito ou explícito contra a
61 população LGBT, construídas historicamente e que no Brasil, ganhou formas únicas de manifestação. (RIBEIRO,
62 2019). A violência pode ser entendida como fruto de um processo de não reconhecimento de outrem, nulificação
63 da sua existência, tendo como efeito a transformação do sujeito em coisa. (CHAUÍ, 2017). A violência é histórica,
64 produzida numa cultura e marcadas por relações de poder.

65 Nas violências cometidas contra a população LGBT, destacam-se as violências físicas, simbólicas, psicológicas,
66 bem como negação de direitos, negligência, tortura e o extermínio. De acordo com os dados da Organização
67 Não-Governamental (ONG) Transgender Europe, o Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos da população
68 LGBT. A escola na contemporaneidade, assume importante papel na promoção da intelectualidade do aluno e
69 da sua inserção social em grupos, frente a diversidade de pessoas e grupos. Nessa instituição, os alunos passam
70 a conviver com diferentes valores para além dos já estabelecidos pela família. Assim, escola e educação estão
71 intrinsecamente ligadas, numa relação sistemática e organizada. ??Silva e Ferreira, 2014).

72 A escola como conhecemos hoje deve ser vista a partir do seu contexto sócio-histórico, possibilitando entender
73 os discursos que a emergiram como instituição educadora. A educação das crianças, historicamente, esteve
74 ligada a construção de um bom trabalhador, suprimindo desejos e brincadeiras. Na revolução industrial, a escola
75 começou a ser a desenhada para a docilização e controle dos discentes, sua inserção no mundo profissional e
76 nacional, formando trabalhadores e soldados. (Foucault, 1987). Segundo Althusser (1970) a escola é um dos
77 principais aparelhos ideológicos do Estado, isso reflete desde a sua construção política pedagógica até as práticas
78 metodológicas de ensino, tendo como função manter o status quo.

79 Em Foucault (1987) a escola é vista como uma instituição fundada para manter a dominação pela elite
80 dominantes, em seus discursos formadores e exclusivos. Lócus de produção de sujeitos, corpos e subjetividades,
81 através de técnicas de docilização e disciplina, fomenta uma prática de consolidação de uma heterossexualidade
82 possível, normativa, em detalhes corporais, constituindo o espaço escolar como um espaço panóptico relacionadas
83 às práticas de gênero e sexualidade. ??BENTO, 2006).

84 Entretanto, para pensar escola brasileira, resgatamos que o direito à educação é garantido pela Constituição
85 Federal de 1988, sendo a educação de qualidade um direito para todos e todas, nesse sentido, a lei assegura a
86 igualdade de acesso e permanência na escola, tendo como base o respeito à diferença e ao protagonismo estudantil.
87 (BRASIL, 1988). Nesse processo, será mesmo garantido igualdade no acesso e permanência dos seus pares, tendo
88 em vista práticas regulatórias e heteronormalizadores daqueles que apresentam dissidências sexuais e de gênero?
89 A escola tenta, (re)produzir violências estruturais na medida em que, uniformiza, limita e denuncia a transgressão
90 do gênero e da sexualidade, pondo como referência a heteronormatividade como saudável, natural e lei para ser
91 seguida.

92 Em pesquisa realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, em parceria com a Organização
93 dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura e do Ministério da Educação revelam que
94 um em cada cinco estudantes do ensino público brasileiro declara que não querem ter um colega homossexual em
95 sua turma, isso representa cerca de 20% dos alunos da rede pública.

96 Outra pesquisa realizada pela ABGLT, mostrou também um dado sobre o grau de aceitação das pessoas
97 LGBT's por estudantes. Os dados apontam que 31,9% revelam que não aceitam muito bem, outros 26,8% que
98 aceitam pouco e 22,4% revelaram neutralidade e 2,8% revelam que não aceitam de forma nenhuma. Essa pesquisa
99 ainda mostra que, 53,9% dos ouvidos nunca observaram intervenção dos profissionais da escola quando ocorreram
100 agressões contra essa população. Outros 56,9% revelam que questões sobre o tema nunca foram abordadas e 16,7%
101 dizem que houve abordagem, mas de modo negativo. (ABGLT, 2016).

102 Embora a relação com os pares sejam determinantes na formação do sujeito escolar e seu desenvolvimento nesse
103 contexto, de acordo com Abramovay e Silva (2004) questiona-se a formação docente nesse processo, tendo em vista
104 preconceitos estruturais enraizados em suas próprias opiniões, baseadas em opiniões moral e religiosa, quanto nos
105 discursos pseudocientíficos veiculados em sala. Nesse caminho, Souza et. al (2017) apresenta argumentos frentes
106 às representações sociais de docentes no que tange a produção de LGBTfobia. Nessa pesquisa, a maioria dos

107 docentes evidenciou a falta de informação desde o início da formação até as formações continuadas, bem como a
108 falta de discussão na academia sobre a temática. Muitos docentes apresentam concepções baseadas em religiões
109 de origens judaicas-cristã que caracteriza os comportamentos e expressões LGBT's como pecado e imoralidade.

110 Essas convenções religiosas são utilizadas como referências e, de acordo com pesquisa realizada por Ribeiro
111 (2019) os discursos centrados nessas religiões de matriz judaico-cristã promove e produz violência LGBTfóbica,
112 pois utiliza mecanismos de internalização da violência a partir da ideia de pecado imoral e homofobia liberal.
113 A comunidade LGBT, historicamente foi excluída e incitada a cura a partir de práticas religiosas, tendo como
114 referência, a heteronormatividade como balizador das relações sociais.

115 Entende-se então, que, para a construção das violências LGBTfóbicas foram construídos sistemas regulatórios
116 únicos, pautadas na heteronormatização das identidades, tendo em vista correções, punições, sanções e
117 adequações. Butler (2003) nos constrói a narrativa de que essas concepções estão baseadas em uma masculinidade
118 e feminilidade originária, tendo como pressuposto a heterossexualidade, normal, construindo uma grade inteligível
119 que, tenta pôr em coerência sexo-gênero-desejo, fomentadas por práticas científicas do século XVII, as chamadas
120 *Scientias Sexualis* debatida por Foucault (1988).

121 Nesse sentido, muitos docentes não compreendem que a LGBTfobia se materializa em diferentes violências e
122 práticas, que vão desde o silenciamento do tema na sala de aula, dos currículos heteronormativos até ignorar
123 agressões psicológicas e físicas. Como aponta o trabalho de Souza et. al (2017) os docentes acabam ignorando
124 essas violências por entenderem que, por exemplo, piadas sobre a diferença não é considerada LGBTfobia, logo,
125 não precisa de intervenção. Assim como também aponta Teixeira-Filho et al. (2011) em que muitas dessas
126 "brincadeiras" e práticas são fomentadas por professores, considerado "coisas de jovens" e "sem importância".

127 3 III.

128 4 Metodologia

129 Essa pesquisa se circunscreve como pesquisa de revisão bibliográfica, de acordo com Almeida (2012) a pesquisa de
130 revisão bibliográfica é caracterizada como um estudo sistematizado, desenvolvido e organizado através de material
131 disponibilizado por livros, revistas, artigos, jornais, entre outros meios acessíveis ao público. Foi utilizada uma
132 revisão sistemática de literatura. Essa revisão tem como possibilidade potencializar os achados de uma pesquisa,
133 pois consiste em, sistematicamente, organizar, refletir e discutir criticamente sobre a produção científica de um
134 dado período de tempo. ??KOLLER et al., 2014).

135 Para a busca de artigos foram utilizadas duas bases de dados, fundamentais na disseminação de achados
136 científicos. A primeira base de dados utilizadas foi o Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e a segunda,
137 Scientific Electronic Library Online (SciELO). A SciELO é uma biblioteca que reúne estudos científicos e é mantido
138 pela Fundação de Amparo À Pesquisa, em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações
139 em Ciências da Saúde (BAREME) e conta com o apoio do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e
140 Tecnológico (CNPq).

141 As palavras-chaves utilizadas para compor essa pesquisa foram "LGBT" com o operador booleano OR
142 "homofobia" AND "escola", no campo todos os índices em ambas bases de dados. Nas bases de dados Pepsic,
143 foram encontrados o total de 13 artigos. Considerando que para esta pesquisa, foram utilizados os primeiros
144 critérios de inclusão: artigos completos em português, empíricos, disponíveis para download, entre os anos de
145 2010 e 2020, procedeu-se o refino. Neste refino foram selecionados 13 artigos. Os critérios de inclusão subsequente,
146 foram: leitura dos títulos, resumos e artigos completos em que seus resultados discutam sobre a LGBTfobia e a
147 violência escolar, nesta ordem. Aplicados os critérios, restaram-se 6 artigos que serão utilizados nessa pesquisa.

148 Na base de dados SciELO, foram encontrados o total de 35 artigos. Aplicados os primeiros critérios de inclusão,
149 procedeu-se o refino, restando 24 artigos. Após aplicados os critérios de inclusão subsequente, para essa pesquisa,
150 restaram 12 artigos. Houve um critério de exclusão no que tange à repetição dos artigos nas diferentes bases de
151 dados, um artigo se apresentou idêntico ao já encontrado no Pepsic.

152 Foram aplicados critérios de exclusão em quatro artigos encontrados em ambos as bases de dados, estes critérios
153 referem-se as pesquisas teóricas realizadas pelos autores, que, embora tratassem sobre o tema dessa pesquisa,
154 não eram artigos experimentais, o que possibilita utilizá-los como materiais de apoio teórico. Assim, para esta
155 pesquisa foram utilizados 11 artigos (TABELA 1) que após fichamento das informações, passaram por uma análise
156 descritiva, elencando e possibilitando a imersão das convergências, divergências, singularidades e dispersões, bem
157 como os eixos temáticos possíveis.

158 5 IV.

159 6 Análise Descritiva

160 Os artigos que foram encontrados (TABELA 1) e utilizados nessa pesquisa passaram por uma análise descritiva
161 que tem como objetivo encontrar e levantar as convergências, divergências, singularidades e dispersões quanto ao
162 tema, o objeto de estudo, os objetivos, as metodologias e os resultados. Os resultados dessa análise demonstraram
163 que os artigos encontrados dialogam entre si, sendo possível construir e resgatar as narrativas dos diversos atores
164 dos contextos educacionais e escolares.

7 Resultados

Para melhor aprofundamento dos resultados encontrados nos artigos utilizados para essa pesquisa, foram criados dois eixos temáticos após a análise descritiva dos artigos. Esses eixos versam sobre as vozes dos espaços e contextos escolares, sendo discutidos a partir da Teoria Queer.

8 "QUEM SÃO VOCÊS?" A representação docente sobre os gêneros e sexualidades dissidentes

Muitos são os discursos ou a falta deles no espaço escolar que invisibilizam as existências plurais da comunidade LGBT e isso, como efeito, produz uma série de violências estruturais e sentidas sobre aqueles e aquelas que possuem essa identidade dissidente. Anterior inclusive, as concepções e construções teóricas e conceituais sobre esses temas, docentes já mostram uma percepção marcada por moralismo, religiosidade e práticas anticientíficas contrários à proposta da escola como formadora do pensamento crítico, sistematizado e científico. (MADUREIRA e BRANCO, 2015; ESPERANÇA et al, 2015).

Tendo em vista a matriz heterossexual que tenta produzir sujeitos dentro de parâmetros de normalidade, essas discussões, de acordo com as pesquisas realizadas por Madureira e Branco (2015), Souza et al (2015) foi identificado nos discursos dos(as) docentes um descompasso entre promoção de igualdade entre gêneros, acabando por sustentar concepções e relações desiguais entre os gêneros, colocando a liberdade sexual como promíscua. Souza et al (2015), a partir das vivências e práticas escolares, revelam que muitos(as) docentes já presenciaram situações de preconceitos e discriminação, sobretudo violências psicológicas, entretanto essas violências não eram vistas como graves, demonstrando assim, a banalização e, em alguns casos, até a participação dos docentes nessas práticas lidas como "brincadeirainha".

Já Esperança et al (2015) identifica que a homossexualidade, entendida como opção sexual, causa incômodo nos(as) docentes, revelando também concepções essencialistas sobre a sexualidade humana, termos pejorativos no tratamento dos indivíduos homoafetivos (bichona, homossexualismo, veado).

Demonstram visões preconceituosas relacionadas aos movimentos sociais e concordam com práticas políticas que negam o direito e a visibilidade da comunidade LGBT em diversos espaços. Esses enunciados produzem efeitos diretos na relação professor-aluno e ensino-aprendizagem.

Teixeira-Filho et al (2011) revela que, embora não sejam os primeiros, alunos e alunas que se identificam como LGBT's recorrem a professores(as) para debaterem assuntos ligados à sexualidade e gênero. Entretanto, pautadas em concepções morais e religiosas, diversos docentes mostram um espaço negacionista, invisibilizador e violento para aqueles e aquelas que se sentem "diferente".

9 Assim, a

LGBTfobia cognitiva e liberal dentro desses espaços (SOUZA et al, 2015) desperta componentes afetivos nos(as) docentes e discentes, assim pessoas lidas como LGBT tendem a despertar sentimentos de desconforto, sendo esses sentimentos percebidos como um convite não-autorizado, para a ação e prática normalizadoras, acionando mecanismos e práticas discriminatórias na medida em que esse sentimento seja menos desconfortável. (MADUREIRA e BRANCO, 2015). Essa LGBTfobia liberal pressupõe a compaixão e a tolerância para que, baseadas em próprias vivências morais e religiosas, esses devem ser curados e vivenciarem a abstinência, minimizando supostos comportamentos que os liguem às práticas de gênero e sexualidades imorais.

Ainda sobre as religiões de matrizes judaico-cristãs, enraizado em prática educativas, muitos(as) docentes percebem essas vivências como influência de "espíritos malignos" e defendem uma cura através da intervenção divina. Assim, a hostilidade sutil da igreja aparece nos discursos docentes que não somente incitam a rejeição contra pessoas LGBT, mas também os colocam num espaço indiferenciado, privando sujeitos da liberdade de si nos espaços públicos. Muitos discursos docentes ainda justificam essas práticas de invisibilização por conter outros discentes religiosos na sala que concordam com esses enunciados. (SOUZA et al, 2015; MADUREIRA e BRANCO, 2015; ESPERANÇA et al, 2015).

10 EU EXISTO! Repercussões da violência LGBTfóbica nos corpos escolares dissidentes

A pedagogia da sexualidade, um dos caminhos fundantes para a vigília e o controle dos corpos dissidentes, produz uma série de efeitos discursivos, punitivos e autogestivos que imbricada na prática pedagógica fornece violências que são vivenciadas e significadas a partir de práticas explícitas e implícitas. Essa discriminação relacionada a identidades sexuais e de gênero implica em foco de sofrimento mental.

(MADUREIRA E BRANCO, 2015).

De acordo com Ribeiro (2019) uma das consequências dessas violências é a autorregulação e autogestão dos comportamentos ditos imorais/ pecaminosos, baseados na teoria panóptica de Michel Foucault (1987) Essa rejeição é manifesta a partir da violência psicológica, física, moral e sexual. Alvo de gozações, brincadeiras maldosas, agressão física, privação de liberdade no espaço público, dentre outras formas de exclusão, a comunidade LGBT não se insere de forma efetiva num espaço que, teoricamente, deveria acolher a diversidade. Nesse processo, de acordo com uma pesquisa realizada por Teixeira-Filho (2012) junto a adolescentes concluintes do ensino médio,

223 demonstrou que pessoas não heterossexuais tem aproximadamente o triplo de chance de cometer suicídio e o dobro
224 de chance de sofrer violência sexual.

225 Assim constrói-se uma forma de autogestão a partir do sofrimento, que como proposto pelo dispositivo
226 de sexualidade, produz sujeitos com LGBTfobia internalizada, expressando-se através de comportamentos
227 autodestrutivos, fingir que se diverte, sair discretamente do grupo, adoção de hábitos não saudáveis, maior
228 exposição à fatores ansiogênicos e depressivos, sendo em consonância com Teixeira-Filho (2012) a escola como o
229 ambiente mais homofóbico que o jovem tende a lidar.

230 Ainda sobre as expressões de gênero, essa performatividade, como já discutida por Butler (2003), tem como
231 objetivo a ideia de uma masculinidade e feminilidade original a serem seguidas. São gestos, ritos, linguagens,
232 movimentos e entre outros mecanismos que são produzidos e incorporados nesse momento de brincadeira, tendo
233 em vista a construção de uma ideia universal e "normal". Qualquer comportando "desviado" é motivo do deboche,
234 da exclusão e da punição pelos pares e pelos docentes. Isso se acentua com a comunidade de pessoas transgêneras
235 e travestis. (WETENZ et al, 2013; Roselli-Cruz, 2011).

236 De acordo com a Junqueira (2009) a vivência transgênera e travesti já se insere no mundo com uma série de
237 problemáticas e é na escola, principalmente, que a sociedade transfóbica produz seus lugares. Desde a matrícula,
238 o não respeito ao nome social e expressão de gênero até o uso e desusos dos espaços escolares, como banheiro, não
239 são garantia da expressão da liberdade delas. Por desrespeito e privação de direitos, a integridade física dessas
240 pessoas não é garantida.

241 João Paulo Carvalho Dias, presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados (OAB)
242 estima que 82% de travestis e transexuais larguem a escola devido a violência sistemática perpetradas contra
243 elas no Brasil, o que mostra um aumento na vulnerabilidade vivenciadas por essas pessoas em diferentes espaços,
244 refletindo inclusive os dados produzidos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em que mostra o Brasil sendo campeão
245 em assassinatos de pessoas transexuais e travestis no mundo.

246 11 VI.

247 12 Considerações Finais

248 Esse trabalho teve como objetivo levantar as violências praticadas contra a população LGBT no contexto escolar,
249 elucidando os principais tipos e os efeitos na vida dessa população historicamente marginalizada dos espaços
250 sociais. A psicologia enquanto ciência esteve alinhada ao discurso e status quo no que se refere às práticas
251 escolares, tendo em vista principalmente a institucionalização do que é normal e patológico, colocando as
252 identidades LGBTs nesse campo do patológico e abjeto. A escola, materialmente produziu e produz saberes
253 e práticas normalizadoras e violentas para essas pessoas. Assim, é dever da escola garantir uma educação livre e
254 contínua, sem violentar seus sujeitos.

255 Como evidenciado nessa pesquisa, muitas são as violências perpetradas contra essa população, tendo como
256 principal alvo, às identidades que mais se distanciam do que é esperado entre a coerência sexogênero-desejo.
257 Essas violências são locus de produção de sofrimento mental que retiram a garantia e permanência do sujeito
258 LGBT no campo escolar. A inserção da psicologia no contexto escolar pode promover a minimização dos efeitos
259 violentos e possibilitar o acolhimento e escuta para potencializar os efeitos de ensino-aprendizagem, tendo em
260 vista que somos seres biopsicossociais e se faz necessária a compreensão integral de ser humano.

261 Assim, faz-se necessário a efetivação e acompanhamento de políticas públicas que garantam o acesso equitativo
262 à educação, tendo como princípio o acolhimento da diversidade e as múltiplas expressões de vivências, garantindo
263 assim o que foi conquistado com nossa constituição. Além disso, é necessário a promoção de espaços inclusivos,
264 formação continuada de docentes e práticas pedagógicas que visibilizem os sujeitos em suas experiências de vida.

revela a invisibilidade e denuncia o caráter formador e normalizador de sujeitos, pautadas em gêneros e sexualidades tidas como norma, nesse caso, a heterossexualidade e a cisgeneridade como formas legítimas de existência. A educação escolar, como parte fundamental do dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 1988) coloca as práticas docentes como locus privilegiado dessas concepções, designam docentes como punidor, construindo sanções sociais sobre comportamentos diferentes do gênero que lhe fora atribuído.

materialidade em práticas coniventes relacionadas à violência escolar. De acordo com

A heteronormatividade no espaço es

aqueles e aquelas queapresentam

Essas concepções ganforma

Figure 1:

- 265 [Educ. rev ()] , *Educ. rev* 0104- 4060. Abr2011. (39) p. .
- 266 [Wenetz et al. (2013)] *As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar*, I Wenetz , M P Stigger ,
267 D E Meyer . Mar 2013. 27 p. . (Rev. bras. educ. fís. esporte)
- 268 [Rondini et al. ()] ‘Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio’. C A Rondini , F S Teixeira-Filho ,
269 L G Toledo . *Psicol. USP* 0103-6564. 2017. 28 (1) p. .
- 270 [Brasil and Constituição ()] ‘Constituição da República Federativa do Brasil’. Brasil , Constituição . *Senado*
271 *Federal: Centro Gráfico*, (Brasília, DF) 1988. 1988.
- 272 [Natarelli ()] Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000400664&lng=pt&nrm=iso)
273 [81452015000400664&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000400664&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 set, T R P Natarelli . 10.5935/1414-8145.
274 <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145> 2015. 2018. 2015 0089. 19 p. . Esc. Anna Nery, Rio de
275 Janeiro (O impacto da homofobia na saúde do adolescente)
- 276 [Soliva and Silva Junior ()] Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000200124&lng=pt&nrm=iso)
277 [64872014000200124&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000200124&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 set, T B Soliva , J B Silva Junior . 10.1590/1984-
278 6487.sess.2014.17.08.a. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.17.08.a> 2014. 2018.
279 Rio J.), Rio de Janeiro: Salud Soc. 17 p. . (Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da
280 homossexualidade. Sex)
- 281 [Ribeiro et al. ()] *Heteronormatividade e produções de violências lgbtfóbicas: análise a partir da teoria queer*, U
282 W R Ribeiro , R L Matos , Anais , Desfazendo Gênero . em: 10/11/2020. <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64134>>. Acesso 2019. 11 p. 54. (Campina Grande: Realize Editora)
- 284 [Foucault (ed.) ()] *História da sexualidade I: A vontade de saber*, Michel Foucault . tradução de Maria Thereza
285 da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque (ed.) 1988. (Rio de Janeiro, Edições Graal)
- 286 [Souza et al. ()] *Homofobia na escola: as representações de educadores/as. Temas psicol*, E J Souza , J P Silva ,
287 C Santos . 2015. 23 p. .
- 288 [Roselli-Cruz (2011)] ‘Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual
289 escolar’. Amadeu Roselli-Cruz . *Educ. rev* 0104-4060. Abr 2011. (39) p. .
- 290 [Silva and Ferreira ()] ‘O papel da escola e suas demandas sociais’. L G M Silva , T J Ferreira . [http://](http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/415/372)
291 revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/415/372 *Projeção*
292 *e docência* 2014. 5 (2) p. . (Recuperado de)
- 293 [Borges] *Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria*,
294 Z N Borges . Rio Grande do Sul/Brasil.
- 295 [Asinelli-Luz and Cunha ()] ‘Percepções sobre a discriminação homofóbica entre concluintes do ensino médio no
296 Brasil entre’. A Asinelli-Luz , J M Cunha . *Educ. rev* 0104-4060. 2004 e 2008. Abr2011. (39) p. .
- 297 [Butler ()] ‘Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade’. Judith Butler . *Judith Butler; tradução,*
298 *Renato Aguiar. -Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*, 2003.
- 299 [Teixeira-Filho et al. ()] ‘Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista’. F S Teixeira-Filho
300 , C A Rondini , J C Bessa . *Educ. Pesqui* 1517-9702. Dez2011. 37 (4) p. .
- 301 [Souza et al. ()] ‘Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia’. E J Souza , J P Silva ,
302 C Santos . *Rev. Estud. Fem* 0104-026X. 2017. 25 (2) p. .
- 303 [Brasileira De Lésbicas et al. ()] *Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no*
304 *Brasil*, Associação Brasileira De Lésbicas , Gays , Bissexuais , Travestis E Transexuais . 2015. 2016. Curitiba:
305 ABGLT. (as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos
306 ambientes educacionais)
- 307 [Madureira et al. ()] *sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. Temas psicol*,
308 A F A Madureira , Á U Branco , Gênero . 2015. 23 p. .
- 309 [Esperança et al. ()] *Significados e sentidos sobre homossexualidade entre docentes: uma análise sócio-histórica.*
310 *Temas psicol*, Á C Esperança , I R Silva , A L Neves . 2015. 23 p. .
- 311 [Chauí and Itokazu ()] *Sobre a violência*, M S Chauí , Chaui-Berlinck Itokazu , L . 2017. (S.l: s.n.)
- 312 [Foucault ()] *Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete*, Michel Foucault . 1987.
313 Petrópolis, Vozes. 288.